

ANO XXX Nº 9 SETEMBRO DE 2013

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Foculares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale DL. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C./RM/33/2012 | taxa perçue | tassa riscossa Roma



Verão de 2013
**Uma nova
etapa**

**Mariápolis
no mundo**
O irmão
no centro

**Bispos na
Cidadela Ginetta**
A riqueza da
comunhão

Deus é amor e é também luz

Deus é amor. Mas Deus é também luz e Jesus «veio ao mundo como luz» (cf. Jo 12,46).

Por isso, quanto mais se ama mais se vê.

Se 1943 foi o ano de nascimento do Movimento, 1949 assinalou um passo em frente.

Circunstâncias impensadas, mas previstas pela Providência, fizeram com que, para descansar, o primeiro grupo dos membros do Movimento se afastasse do mundo, e fosse para a montanha. Devíamos afastar-nos das pessoas, mas não podíamos fugir daquele modo de viver, que constituía o objetivo da nossa existência. Um pequeno e rústico *chalé* de montanha acolheu-nos, na pobreza.

Estávamos sós: sós entre nós, com o nosso grande Ideal vivido momento após momento, com Jesus Eucaristia, vínculo de unidade, que íamos receber todos os dias. Sós no descanso, na oração e na meditação.

Iniciou-se ali um período de graças particulares. Tivemos a impressão de que o Senhor abria aos olhos da alma o Reino de Deus que existia entre nós: a Trindade que habita numa célula do Corpo místico. «Pai santo, guarda no teu nome aqueles que me deste, para que sejam uma coisa só, como Nós somos» (cf. Jo 17,11). E parecia-nos que percebíamos que a Obra que estava a nascer não era mais nada senão uma presença mística de Maria, na Igreja.

Claro que nunca mais teríamos deixado aquela montanha, pequeno Tabor da nossa alma, se não fosse uma vontade de Deus diferente. E foi só o amor a Jesus crucificado e abandonado, que vive na humanidade imersa nas trevas, que nos deu a coragem».

Chiara

Novidades editoriais A Aletta conta...

**Um livro escrito com o coração.
Um testemunho simples narrado
por uma das primeiras jovens
que seguiram Chiara Lubich, em Trento**

Estas memórias, espontâneas e envolventes, têm como autora e protagonista Vittoria Salizzoni, nascida em Trento e que aos vinte anos, no dia 7 de janeiro de 1945, encontrou Chiara Lubich. Desde então, milhares de pessoas passaram a conhecê-la com o nome que Chiara lhe deu naquele mesmo dia: «Ala», diminutivo «Aletta» que significa «pequena asa que levanta voo e paira em Deus, porque toda a nossa vida deve ser um voo».

No cenário impressionante da segunda guerra mundial, Aletta assiste ao nascimento de uma nova corrente espiritual, com a consequente formação daquele que viria a ser chamado

Aprofundamentos

Transmitir um Carisma

O contributo das ciências linguísticas

Se olharmos para a história da Obra vemos uma constelação de muitos momentos em que Chiara, utilizando os mais variados meios de comunicação, transmitiu a sua experiência do Verão de 1949, o assim chamado «Paraíso»: fê-lo por amor, através de discursos, escritos, gravações e vídeos e impulsionada pelo desejo de dar a todos a Luz que sentia dentro de si.

Estes textos são agora um verdadeiro e peculiar «património espiritual», que deve ser fielmente transmitido às gerações futuras.

Daí a responsabilidade que interpela até as ciências linguísticas. Entre elas a filologia, definida por Auerbach como «o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte construídas nessa mesma linguagem»¹.

Sabemos como foi importante o papel

Movimento dos Focolares. As suas memórias, retiradas dos seus discursos e revistas por ela mesma, são como uma fotografia bastante precisa daquilo que viveu, do ponto de vista das suas memórias pessoais.

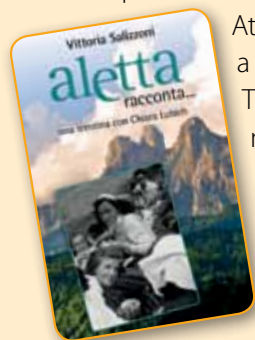
Durante vinte anos - de 1947 a 1967, nos momentos dos primeiros desenvolvimentos dos Focolares - a Aletta vivia na casa de Chiara, que via nela a expressão de um aspeto da caridade relativa à proteção da saúde física e espiritual.

No quadro dos colóquios ecuménicos que o Patriarca ecuménico de Constantinópol, Atenágoras I, e Chiara mantiveram a partir de 1967, em Istambul, na Turquia, as memórias de Aletta, que naquele período se tornou uma espécie de embaixadora entre eles, são muito importantes.

Durante um quarto de século, com vitalidade e coragem, viajou pelas zonas oriental e meridional do mediterrâneo, com episódios de onde surge uma visão global, que enriqueceu a sua vida em contacto com um mundo diferente, por ela amado sem preconceitos, com clareza, serenidade e retidão.

Um apêndice final recolhe um «resumo» da atividade desenvolvida por Aletta desde os anos '90 a 2008, quando fica de novo junto de Chiara, no coração operante dos Focolares, para cuidar do aspeto da vida física e natureza, também chamado «Verde». É o «sumo» de uma longa vida e um concentrado de discursos, ou conversas familiares, sobre vários temas inerentes a este aspeto, desde sempre sentido pela Aletta como o principal trabalho que Chiara lhe tinha confiado em 1954, para todo o Movimento dos Focolares.

Maria Treu



desta disciplina não só no mundo grego e romano, mas também nos primórdios do cristianismo, quando foi necessário enfrentar o problema da definição e conservação dos textos sagrados.

De um modo mais atual que nunca, o próprio Auerbach sublinha que o papel da filologia se torna indispensável «quando um povo de grande cultura se torna consciente disso e quer preservar dos desgastes do tempo as obras que representam o seu património espiritual». Devem ser salvas não só do esquecimento, mas também de alterações, de mutilações ou acrescentos.

Também na linguagem que Chiara usou está contida a memória profunda da herança que ela nos deixou como Movimento dos Focolares, e a nossa identidade de «homens novos», de «popos» e «popas», que vivem o Ideal da unidade e constituem em todo o mundo um único povo.

Se é verdade que Chiara encarnou o Carisma num determinado período histórico, numa determinada cultura, num espaço geográfico, numa língua precisa, é ainda mais verdade que a Luz do Carisma ampliou as próprias estruturas linguísticas da sua língua materna - a italiana - e os próprios significados das palavras, reformulando-os ou revitalizando-os.

As suas palavras têm a exigência de se libertarem de tudo o que é vaidade. Impressiona a definição original que ela própria dá, num escrito seu: «*Não amarei o silêncio mas a palavra (expressa ou tácita), isto é, a comunicação de Deus em mim com Deus no irmão*». (6 de novembro de 1949). Se, portanto, a palavra é «a comu-

nicação de Deus em mim com Deus no irmão», ela transmite por si própria uma nova, profunda relação entre as pessoas.

O Ideal da unidade chegou aos mais variados lugares do globo terrestre, por isso a questão da tradução tem uma importância cultural notável. Mas quem a ela se dedica habitualmente sabe muito bem como essa tarefa é complexa. Nos textos de Chiara existe uma infinita riqueza que não pode ser traduzida à letra numa outra língua. O problema coloca-se logo na língua italiana e não diz respeito apenas a questões de estilo ou de expressão literária.

«O místico aspira fabricar uma língua nova», constata M. Baldini², perito em linguagem mística. «Aspira» no sentido de: «tem necessidade de o fazer». E, sem dúvida, essa afirmação pode-se aplicar muito bem às modalidades de expressão usadas por Chiara.

Seremos capazes de conservar em italiano e transferir para todas as línguas do mundo esta mesma força de expressão?

Estas solicitações são particularmente vivenciadas pelo grupo de «externos» da Escola Abbà de Linguística, Filologia e Literatura (LFL): começar a estudar os textos de Chiara na sua língua materna significou entrar numa relação profunda com a nossa fundadora, com a sua cultura, com o seu tempo, com a sua identidade, indo buscar diretamente à fonte, segundo perspetivas diferentes que se compuseram em unidade, de acordo com a riqueza cultural de cada um. E foi neste clima que amadureceu também o livro "*Como flechas de luz*", editado recentemente pela Cidade Nova italiana.

Mas existem ainda outros desafios a enfrentar: antes de mais, a relação entre as línguas, riquezas umas para as outras;

1 Cfe. AUERBACH, *Introdução à filologia romântica (tradução de M.R. MASSEI)*, Turim 1963, p. 13 ss.

2 M. BALDINI, *A linguagem dos místicos*, Brescia 1986, p. 37

o léxico típico de Chiara; a relação autor-texto - tradutor; a urgência da edição crítica dos textos... E muitos outros temas.

Como serviço a toda a Obra, e em plena unidade com ela.

Grupo de estudo e de investigação da Escola Abbà da área Linguística-Filológico-Literária (LFL)

A Universidade para Estrangeiros «Dante Alighieri» de Régio Calábria

Como flechas de luz

Itinerários linguísticos e literários no relato de 1949, de Chiara Lubich

Só a Universidade para estrangeiros «Dante Alighieri» é que poderia ser o berço ideal para receber a apresentação do segundo volume da Coluna «Estudos da Escola Abbà»: *Como flechas de luz*. O livro, de facto, tem como co-autores membros da Obra de várias nações do mundo. Todos «externos» da Escola Abbà da área Linguística-Filosófico-Literária (LFL), com o fator comum da vital adesão ao Carisma da unidade.

Segundo o espírito que anima a Coluna, o elemento unificante dos seus interesses foi aqui o relato *Paraíso '49*, escrito por Chiara em 1961 e publicado

Na foto: Maria Intriari (Universidade de Estudos da Calábria); Vincenzo Crupi, do centro (Universidade para Estrangeiros "Dante Alighieri" de Régio Calábria); Antonino Zumbo (Universidade de Estudos de Messina)

após a sua morte na revista *Nuova Umanità*. Trata-se de um documento significativo para a história da Obra, porque é o único texto publicado que contém uma narração completa da experiência vivida em 1949. Sobre esse documento, reproposto na apresentação do livro, os externos da LFL pensaram e escreveram juntos, segundo o típico método da Escola Abbà.

Impulsionados por uma intuição comum: a luz do Carisma parece ter inspirado também as escolhas expressivas de Chiara Lubich, de forma a descobrir nos seus escritos uma dimensão artística e literária que mereceria ser estudada. Daqui o desejo de estudar o texto para tomar consciência da riqueza que nele se esconde, também sob o perfil linguístico-literário e revelar toda a sua força comunicativa.

O primeiro banco de provas foi a Universidade de Régio Calábria, precisamente, onde o volume foi apresentado a 31 de maio passado, a um público atento e calorosamente participante.

Entre as páginas do livro, está o «Manifesto literário» dos externos da LFL, que tinha sido mandado a Chiara, juntamente com uma carta. Era um programa de trabalho futuro, mas sobretudo sinal de um relacionamento de unidade construído com ela, que seguiu pessoalmente o desenvolvimento das primeiras ideias sobre Linguística, Filosofia e Literatura, na Aula da Escola Abbà em 29 de novembro 2003.

Alba Sgariglia



Escola de Conselheiros dos Centros Zona

Ser um coração pulsante



Em Montet, de 4 a 12 agosto, a Mariápolis Foco fez de casa para os 116 focolarinos e focolarinas, provenientes de 22 Zonas de todas as partes do mundo

Uma Escola especial para se compreender, juntos, o papel do conselheiro no Centro Zona, no hoje da Obra. Não houve «aulas», mas *workshops* em que se trabalhava divididos em pequenos grupos, apresentando à tarde, em sessão plenária, aquilo que se tinha compreendido conjuntamente, numa comunhão muito enriquecedora.

Foram várias as temáticas aprofundadas como pontos de trabalho. Desde o «Centro Zona: comunidade de vida, comunidade de trabalho», os «relacionamentos», o «delegar», «o papel dos conselheiros», etc. A composição dos grupos era interessante, com combinações de Zonas muito diferentes entre si [Áustria e Mariápolis Ginetta (Brasil), Coreia e Alemanha do Norte, etc.] e um grande intercâmbio recíproco.

Uma parte integrante do programa foram os passeios aos lugares que viram nascer muitas realidades do carisma: Einsiedeln-Oberiberg e Mollens (onde Chiara passava as férias). Foi ir às raízes, à fonte, com momentos de luz e de verdadeiro repouso!

A Emmaus e o Giancarlo seguiram intensamente a Escola, intervindo quatro vezes, num profundo diálogo e comunhão, com a espontaneidade de um focolar alargado ao mundo. Com eles se delineou de modo «novo» a figura do conselheiro, entendido como «ligação»,

uma ligação de amor, ao serviço de toda a Obra, numa rede de relacionamentos trinitários, com uma comunhão transversal com os ramos, diálogos, regiões, os focolares até às comunidades locais.

Aprofundou-se a carta da Emmaus para o dia 16 de julho: um apelo a levar só Deus à humanidade de hoje, uma nova viravolta na Obra (ver ao lado).

Veio em realce o verdadeiro significado do delegar, que quer dizer «gerar», fazendo salientar os outros, dando confiança a todos. Abriu-se uma nova visão da Obra com zonas maiores e centros-zona mais pequenos, que funcionam como corações pulsantes que transmitem vida e dão apoio.

O *blog*, atualizado todos os dias, e o diálogo com a Emmaus e o Giancarlo em *streaming*, abriram as portas da Escola fazendo participar nela muitos das zonas: o primeiro eco veio da Nova Zelândia! ➤



Da carta da Emmaus para o dia 16 de julho

Aproxima-se o dia 16 de julho, aniversário daquele pacto entre Chiara e Foco que deu início ao período extraordinário no qual nasceu a Obra, como Chiara sempre nos disse. Este ano parece-me que renovar o pacto tem um sabor especial, quase uma ocasião única para que a Obra possa renascer de novo no seu desígnio.

Sim, falamos de uma nova organização, de agrupamentos, de deslocações dos focolares, de ter atenção aos países de fronteira... O Papa Francisco fala de periferias existenciais e isto parece-me que alargue muito o conceito de Países de fronteira. Periferia existencial é qualquer ponto onde o homem não encontra o seu centro, porque não encontra Deus. E todos nós que, só por uma graça, o encontramos, somos chamados a estar lá, a mergulhar nesta humanidade desorientada para a voltar a trazer ao seu centro.

Numa das meditações destes dias, encontrei o relato que Foco faz do seu convite a Chiara, em setembro de 1949, de deixar Tonadico para regressar à cidade: «Chiara, desculpa se te falo como alguém que não sabe desapegar-se da Terra. Tu tens uma família, uma família que tem uma tarefa a fazer sobre a Terra, penando e lutando, para a glória de Deus. Não podes abandoná-la. Não nos ensinaste, qual supremo amor, Jesus Abandonado? Agora, por Ele e com Ele, abandona Deus por Deus, o Paraíso pela Terra, onde podes encaminhar muitas almas para o Céu. Deixa os anjos e volta para nós, pessoas desta Terra, por amor a Jesus Abandonado»¹.

Foi para mim um momento fortíssimo. Pareceu-me que Foco (= a humanidade: o seu desígnio) pedisse agora a Chiara (= a Obra: o seu corpo) este passo e que também a exortação do Papa Francisco nos impulsionasse, assim como as situações de transformação que a Obra se encontra a viver.



E perguntei a mim própria se a Obra toda (não só os focolarinos, que devem lá estar e - diria - na primeira fila) será capaz de sair ao encontro das pessoas e levar-lhes de novo a vida da Trindade, o Reino de Deus, vencendo todos os medos e todas as angústias - que também Chiara sentiu (Foco anota que «chorou») - com um amor incondicionado a Jesus Abandonado e a força daquela unidade que o Pacto renova do nos obtém.

Parece-me que poderia iniciar um tempo novo, com uma graça nova, na qual estar e mostrarmo-nos realmente, todos juntos como Obra, discípulos autênticos de Jesus e portanto revolucionários do Evangelho, necessariamente «sinais de contradição» (Lc 2,34), escândalo para os judeus, loucura para os pagãos» (1 Cor 1, 23), para levar de novo para Deus - onde quer que se encontre cada pequena ou grande célula deste corpo, hoje, ou se venha a encontrar amanhã -, aqueles irmãos que são já nossos, porque todos estão no horizonte do «*Ut omnes*» que Chiara nos abriu.

Creio que Chiara mesma não queira menos se ela sempre via «a grande atração» do «perder-se na multidão, para a impregnar de divino» e, «feitos participantes dos desígnios de Deus sobre a humanidade, assinalar sobre a multidão bordados de luz»².

Emmaus

1. I. Giordani, «História do Movimento dos focolares», em C. Lubich - Igino Giordani, *Eram os tempos de guerra...*, Città Nuova, Roma, setembro 2007, pp. 154-155.
2. C. Lubich, «A atração dos tempos modernos» em *La dottrina spirituale*, Città Nuova, setembro de 2006, pag. 249.

» Voltaram cheios de alegria pela experiência vivida e construída com todos, conscientes de que tudo o que surgiu não diz respeito só ao papel dos conselheiros, mas tem um valor universal. Deus, servindo-se também das circunstâncias, leva-nos a escrever uma nova página na história da Obra.

Algumas impressões entre as muitas: «a coisa mais bonita foi quando a Emmaus sublinhou a importância de ter a presença de Deus entre nós no Centro Zona para a poder transmitir [...] não tanto sermos competentes em executar as tarefas, mas sermos esta verdadeira família com cada uma das focolarinas e cada um dos focolarinos». «Para mim, como focolarino casado, foi uma grande graça. Ficou-me no coração também aquilo que Chiara dizia: que a Obra é caridade, que os focolarinos têm esta função de ser caridade». «Chiara esteve presentíssima entre nós e nutriu-nos do Carisma todos os dias, mas sentimo-la em particular quando a Emmaus falou desta viravolta da Obra, confirmada de-



pois pelo testemunho de Palmira, que nos encheu de alegria!». «Parece-me que aquilo que a Emmaus e o Giancarlo disseram está muito em sintonia com aquilo que vive a Igreja hoje: sermos aquilo que devemos ser para levar Deus ao mundo».

*Marilù Rossi (Mumbai),
Ekke Schneider (Belém)*

Agosto em Montet

A potência de uma Cidadela

Em agosto, a Mariápolis Foco viveu momentos importantes com a Emmaus e o Giancarlo



Fazendo sobressair a especificidade das Mariápolis permanentes, os primeiros dez dias foram vividos ao serviço da escola dos Conselheiros dos Centros Zona, contribuindo para criar uma atmosfera de amor recíproco na qual a Sabedoria se pode exprimir.

No dia 11 de Agosto, a festa alargou-se a cerca de 300 «cidadãos» (permanentes e temporários). A Emmaus, depois de um *recital* baseado em poemas e escritos de Tony Daga (Focolarino que foi para a Mariápolis

1 Focolarino partito per la Mariapoli celeste nel 1983 mentre era alla Scuola di formazione a Loppiano

Ver o especial
«Montet 2013» em
[www.focolare.org/
notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)



celeste em 1983, e que se encontrava na Escola de formação em Loppiano), relembrou aquilo que Chiara disse em 2003, num momento semelhante: «*Aqui a arte é uma coisa normal, de casa*», uma arte - prosseguiu - para levar ao mundo, porque «*devemos ter sempre um horizonte alargado, um olhar lançado para fora*».

Neste clima, os trabalhos prosseguiram com as várias realidades da Mariápolis. Às 26 focolarinas e aos 17 focolarinos que em breve vão acabar a sua formação, a Emmaus realçou que: «*As periferias não são apenas geográficas [...], estão nos locais onde vocês vão trabalhar, estão também no focolar, porque se um dia um de vocês não estiver bem, fica na periferia. [...] Já fizeram uma experiência verdadeira, profunda, de alegria, de família construída aqui: então vale a pena continuar a experimentar a vida*».

No dia 17 de agosto, um grande presente quase «tradicional»: a Emmaus antecipou o tema do ano transmitindo a todos a sua paixão. «*Chiara disse-nos que o amor recíproco é um pilar fundamental na nossa vida. Este ano o Movimento completa 70 anos: parece-me que o melhor modo de o festejar é voltar a este pilar fundamental e torná-lo sólido entre nós*». E encorajou-nos: «*É o projeto de todas as Mariápolis permanentes, incluindo a Mariápolis*

Foco, onde o único bilhete de entrada, o visto necessário para entrar e fazer parte, é o amor recíproco, agora como no passado».

No encontro com os Gen, ao Johnny, acabado de chegar do Egito, a proposta da Emmaus foi totalitária: «*Jesus teve a coragem de nos dizer: "Amai os vossos inimigos"... A quem quiser segui-Lo, indica um caminho que não é só perdoar, aceitar ou suportar, por não termos outra alternativa, mas sermos ativos no amor, como Ele foi*».

No dia 18 de agosto, com toda a Cidadela, fez-se uma síntese da vida deste ano: experiências sobre a relação entre gerações, colaboração entre a Mariápolis e a Zona da Suíça, testemunhos sobre a ação no território, a vocação ecuménica, a partida do p Stefano Vagovič para o Céu. A Emmaus lançou um convite forte: fazer explodir a potência concentrada na Cidadela «*para testemunhar e distribuir no mundo a alegria que Deus nos dá*».

Monica Giuliani e Michel Vandeleene



Encontro de Bispos no Brasil

A riqueza da comunhão

Na Mariápolis Ginetta, no Brasil, cinquenta Bispos amigos do Movimento, de diversas nacionalidades, encontraram-se para um convívio fraterno de muitas linhas pastorais

Cinquenta Bispos - vindos do Congo, Quênia e Madagascar, Coreia, Tailândia e Paquistão, Estados Unidos, Europa, Líbano e Iraque, Argentina, e de várias partes do Brasil - reuniram-se este ano para o seu encontro anual na Mariápolis Ginetta, de 31 de julho a 9 de agosto. «O Amor recíproco: seguindo a escola da SS. Trindade» foi o tema de reflexão. Numa Cidadela, rodeados por centenas de leigos, sentiram-se inseridos no povo de Deus, entre irmãos e irmãs. Foi para todos uma experiência de plena comunhão, de vida trinitária.



Os Bispos no Santuário de Aparecida

Partiu-se de uma primeira dádiva recíproca, a comunhão de experiências sobre o amor ao irmão: desde o empenho de D. Armando Bertolaso (Líbano) em difundir o «passa palavra» como luz para «viver o amor ao irmão nas suas infinitas formas» por mais de 60 Bispos do Médio Oriente e muitos sacerdotes, a D. Anuar Battisti de Maringá (Brasil), que não se deixa fascinar por muitos empenhos e sabe

dar espaço aos relacionamentos pessoais com os seus sacerdotes, especialmente os que têm mais dificuldades.

O amor ao irmão ajuda também a abrir-se aos não crentes, como conta D. Jorge Ortiga de Braga (Portugal) que deu vida, juntamente com o Card. Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, a um «Pátio dos Gentios», do qual foram protagonistas artistas, homens de cultura, da política, da música. Com alguns deles nasceu uma amizade sincera. Foram envolvidas duas mil pessoas.

Ir para fora, andar pela periferia - foram as orientações que a Emmaus deu ao Movimento no início do ano, e em plena sintonia com o que o Papa Francisco tinha salientado - foi o ponto de partida da nossa reflexão. Como sempre, aprofundámos o tema do ano que a Emmaus transmitiu por video-conferência e que era o título do encontro: «O Amor recíproco: seguindo a escola da SS. Trindade». Ao tema seguiu-se um diálogo vivo, uma verdadeira comunhão de alma. O amor recíproco, vivido na escola da Trindade, parece-nos indispensável para levar Deus até às periferias, quer geográficas, quer existenciais, para abrir um diálogo - não apenas intelectual - com as grandes religiões, para uma evangelização eficaz, para viver, testemunhar e transmitir de modo tangível a nossa fé. E também, para realizar plenamente a nossa identidade, e por isso a nossa felicidade, já que fomos criados à imagem e semelhança do Deus Trindade. «Devemos estar conscientes - disse a Emmaus -

Partir da experiência de Deus

Extrato de uma entrevista a Brendan Leahy, Bispo de Limerick (Irlanda)

Neste momento fala-se muito de reforma, de dar uma «nova forma» à Igreja. E o Papa Francisco já deu sinais desta reforma. Como se inserem os Bispos nesta onda do Espírito Santo que impulsiona esta reforma?

«É certo que o próprio concílio já iniciou a reforma. Agora é o Papa Francisco que nos mostra um novo estilo. Nestes encontros, é como se frequentássemos a Escola de um carisma, dom do Espírito Santo - é o Espírito que reforma e torna a Igreja cada vez mais jovem, como já dizia Ireneu no século segundo, - deixamo-nos forjar, para sermos antes de tudo nós próprios a reformarmo-nos no nosso ser, e não só a nível individual, mas também na vida comunitária, entre nós. E quando voltarmos para as nossas dioceses, levaremos connosco uma experiência vital do Evangelho, que vamos procurar viver com os outros. A reforma começa sempre de uma experiência de Deus, que cada um faz. Vivendo juntos à luz deste carisma, fazemos a experiência de Deus que depois é comunicada, para além de nós, a todos com quem contactamos».

Carla Cotignoli

O texto integral da entrevista:
www.focolare.org/notiziariomariapoli

que somos devedores de uma graça e de uma responsabilidade». E concluiu: «Espero que este seja o ano dos relacionamentos trinitários. Vamos continuar nesta reciprocidade».

Foi um encontro «itinerante»: com a visita à fazenda da Esperança, de Guaratinguetá, centro de recuperação de toxicodependentes; a participa-

ção no espetáculo *Streetlight* do Gen Rosso; a Missa no santuário nacional da Aparecida, presidida pelo Card. Raymundo Damasceno Assis, arcebispo daquela diocese e presidente da Conferência episcopal brasileira que, às vinte mil pessoas presentes, nos apresentou como Bispos amigos do Movimento, que vivem a espiritualidade de Chiara Lubich, que nos ajuda a realizar a colegialidade efetiva e afetiva.

Não faltou o aspeto ecuménico, graças à presença dos Bispos de várias Igrejas, da região: dois metodistas e um anglicano. Entre as experiências ecuménicas, D. Armando Bortolaso, católico, definiu o nosso empenho como «ecumenismo do coração» pela «forte amizade humano-divina que existe entre os Bispos de várias igrejas». Ele narrou alguns atos de amor recíproco entre patriarcas e Bispos das Igrejas orientais na Síria, como o ter pedido um empréstimo para ajudar na construção de uma igreja siro-ortodoxa, ou ter dividido ao meio, entre a Igreja católica e a Igreja greco-ortodoxa, na Síria, uma avultada soma recebida para ajudar o povo sírio.

«**As cruzes da Igreja**». Este vídeo de Chiara, de 1971, ecoou na alma de todos com uma potência única. Fez-se a seguir comunhão de alma: «Quero renovar a escolha de Jesus Abandonado. Este é o nosso caminho», «Chiara é uma mulher de fogo, fogo do Espírito Santo». «Já não se sente a preocupação de ter de resolver os problemas, mas de



Com os jovens, na Fazenda da Esperança

amar ainda mais. Compreendi que lamentar-se é criticar Jesus Abandonado. Basta pouco para se encontrar a paz, o sentido das coisas».

Um olhar sobre a dimensão social, testemunhada por Luisa Erundina, que foi presidente da Câmara da megalopole de S. Paulo e companheira de partido do Presidente Lula, que, juntamente com Sergio Previdi, também ele muito empenhado na política, nos comunicaram a sua escolha de uma coerência transparente, num âmbito tão delicado e às vezes corrompido pelo interesse e pelo poder, prontos a dar a vida, prontos ao martírio.

No seguimento de uma carta de Giancarlo Faletti a todos os sacerdotes da Obra, em que ele convida a encontrar «*na escola de Jesus no meio*», «*os modos e os caminhos que nos permitem encarnar, cada vez melhor, o Ideal de Chiara na vida e na missão das dioceses e das paróquias*» (V. Mariápolis 4/2013 pag. 20), sentimos a necessidade de um desenvolvimento cultural e pastoral da espiritualidade, motivo pelo qual se está a iniciar um «laboratório de estudo», na Escola sacerdotal de Loppiano, em colaboração com a Universidade Sophia, a partir das experiências que já existem.

Vem cada vez mais em evidência a necessidade de uma maior comunhão entre Bispos, sacerdotes, religiosos da Obra, um caminho privilegiado para enriquecer as Igrejas locais com o carisma da unidade.

O encontro concluiu-se, na Missa final, com a renovação da consagração a Jesus Crucificado e Abandonado, que é a medida do amor que abraça e transforma os sofrimentos da Igreja e da Humanidade.

Um de nós, que vive numa região com uma crise grave, expressou-se assim, antes de partir: «Levo comigo a paz de Jesus no meio, levo este fogo para onde eu vivo, porque lá há necessidade de paz»

Francis-Xavier Kriengsak



O milagre do Rio de Janeiro Uma grande Alegria

A JMJ foi um evento extraordinário para quem participou e para o País que a acolheu.

Já muito foi dito e escrito.

Eis aqui o trabalho de bastidores, de alguns gen

O Papa Francisco quis escrever uma carta ao arcebispo do Rio de Janeiro, para exprimir a sua profunda gratidão a todos aqueles que deram o seu tempo e as suas forças, durante os dois anos de intensa preparação. Na comissão central que, no Rio, organizou o evento estiveram dois gen: Maria Luna Azeredo e Leandro Machado, que nos escreveram:

Maria: «Quando o Papa Bento anunciou em Madrid que a Jornada da Juventude de 2013 seria no Rio, chorei de alegria.

Todos nós da Obra começámos logo a trabalhar para elaborar propostas para o programa, para organizar a nossa colaboração. Calhou-me mesmo a mim, juntamente com outros gen, integrar a Comissão central, coração da JMJ. Começou assim a aventura. Foi um trabalho intenso, uma grande formação no viver a "arte de amar", com muitas renúncias e grandes graças de Deus. Encontrei-me lado a lado com sacerdotes, religiosas, leigos



e aprendi um pouco de cada um, do seu carisma, do seu modo de ser Igreja. As reuniões eram semanais e de muito trabalho, mas o que me dava mais alegria era constatar que Deus guiava as escolhas, fazia-nos ver o caminho a percorrer.

Depois, durante a JMJ, eu estava em baixo, perto do palco: quantas corridas, quantas ocasiões para amar Jesus Abandonado. Ele estava presente a cada momento. No dia das boas-vindas ao Papa, fui convidada para ler uma oração e pude, por várias vezes, estar muito próxima dele. O momento mais forte, a maior graça para mim foi durante a adoração de sábado: experimentei que Deus me ama imensamente e que vale a pena dar a vida por aquilo que Ele pede.

interreligioso com hebreus, cristãos e muçulmanos. Na feira vocacional, foi montado um stand onde procurávamos construir uma relação pessoal com os muitos visitantes. O espetáculo de Chiara Luce Badano foi repetido por três vezes, com um total de 2600 pessoas. E também a adoração numa igreja de Copacabana, com 1300 pessoas e a animação de uma das catequese. Para além disto, organizámos entrevistas para a Canção Nova com a presença dos pais de Chiara Luce, do Gen Rosso na Favela Varginha...

Leandro: «A alegria é maior que o cansaço». Foram estas palavras do Papa Francisco quando, no regresso

subia para o avião. São também as nossas palavras. Estes dias fizeram-nos "tocar" o céu, escançar as portas do coração e sentir, com todos os jovens presentes, que somos uma só família.

O Papa Francisco exortou-nos a viver como Jesus e foi ele próprio o primeiro a dar o exemplo. Usou palavras fortes e claras, que não pedem "licença" mas irrompem com força e dão a coragem para sair todos os dias de nós mesmos e ir ao encontro do outro. Experimentámos a proximidade de Deus, que realizou o milagre de atrair a esta praia três milhões de pessoas. Passei a amar ainda mais a Igreja, que descobri como "mãe", e sinto que me quero comprometer a estar sempre aberto à ação do Espírito Santo.

A JMJ pertenceu aos jovens, todos nós gen a sentíamos "nossa" e demos os nosso contributo. Para além do trabalho na comissão central, colaborámos para a realização do encontro



© Foto George Assunção X2



Escola gen3 em Fontem

Um ginásio para «homens-mundo»

«Love your neighbours»: «Ama o teu próximo» Foi este o título e o tema da Escola internacional gen3, que este ano se realizou em Fontem, nos Camarões



A Cidadela do continente africano recebeu 140 protagonistas, vindos de todo o país e ainda 11 *teenager* italianos. «Espero voltar para casa com mais qualquer coisa - conta Paolo na sua primeira experiência fora da Europa - talvez abrir, alargar o meu modo de ver». «Um acontecimento muito importante, - conta Dominick, dos Camarões - Para alguns de nós é talvez a única possibilidade de experimentar a vida de unidade com outros gen3. As distâncias, as dificuldades de transporte e económicas não nos permitem viver durante o ano experiências iguais a esta».

Alguns gen3 andaram oito horas a pé pela floresta, partindo de noite para poder chegar antes da chuva.

Mas a intensa chuva e a lama não conse-

guiram deter a grande vontade de participar nesta experiência.

Alguns usaram os poucas poupanças de um ano para poderem estar presentes na escola. Outros fizeram trabalhos pesados para poder juntar a quantia necessária, não só para si mesmos, mas também para quem tinha dificuldades e para comprar algum presentinho para dar aos gen3 italianos.

E Silvanus disse: «Quando Chiara nos falou da “chamazinha” que Deus pôs na nossa alma quando nascemos, percebi que, se quero mater viva esta chama que é o amor de Deus, devo dá-la, amando o próximo que passa ao meu lado».

A vida nos grupos foi uma ocasião para ir em profundidade nos vários argumentos e para estreitar mais a unidade. Também ajudou a praticar desporto juntos. «A Escola ensinou-me muitas coisas, uma das quais foi a capacidade de experimentar a unidade. Para poder viver em unidade, o que é verdadeiramente essencial é ter um coração e uma mente aberta a todos». (Victor)

Especial foi o momento em que os gen3, que este ano vão passar para gen2, nos comunicaram o que foi para eles a vida gen: «O encontro com Deus dá-nos uma alegria verdadeira»; «Apostar na unidade, sem medo de pôr tudo



em comum»; «Experimentar uma amizade que sabe sacrificar-se por um bem maior».

«O que me ajudou nos momentos mais difíceis foi a relação pessoal com Deus»; «O que vos desejo é que descubram a beleza de poder estar ao lado de Jesus».

Com danças e peças de teatro, foram representadas situações em vivemos: mundo da escola, vida de unidade, com os amigos... contámos deste modo as nossas experiências, as dificuldades que encontramos.

Foram-nos pedidos também esforços concretos: levantar-se cedo para servir o pequeno almoço e preparar o almoço, lavar a loiça, limpar a sala de jantar...

«Foram dias em que experimentei uma felicidade particular, aquela alegria que só Jesus nos pode dar, e damo-nos conta que tudo o que procuramos - penso muitas vezes no meu futuro - é só a verdadeira felicidade». (Francesco)

«O presente mais bonito que encontro dentro de mim, depois desta experiência, é sentir-me livre. Não porque não tenha problemas, mas porque nestes dias me dei aos outros. O meu desejo é levar, ou melhor, fazer descobrir a muitos outros este tesouro especial». (Jovany)

«Muda-nos o modo de viver. Percebe-se que se deve apostar em qualquer coisa, ou melhor, em Alguém maior». (Michael)

Além da Escola em Fontem fomos a Fontjumentaw, onde estivemos com o grupo de jovens para a unidade com quem aprofundámos o projeto «colorir as cidades». Os jovens de lá contaram-nos das suas visitas às aldeias, onde vão um fim-de-semana por mês, para dar a conhecer o Ideal e o cristianismo aos jovens da sua idade. Através da Palavra de vida e de pequenas representações, comunicam as experiências vividas em família, na escola, com os amigos, descritas também com os sinais da matemática, do projecto «colorir as cidades». Um momento

importante destes encontros foi a Missa, que foi preparada com canções e testemunhos. «Por vezes sente-se o cansaço - diziam - mas graças aos momentos vividos juntos voltamos mais ricos, experimentamos que também nós podemos fazer a nossa parte pelo bem da Comunidade».

Claro que esta experiência não nos deixou indiferentes. Experimentar a alegria de colocar-se ao serviço dos outros deixa no coração uma grande vontade de viver. A melhor mensagem foi que a unidade não se constrói apenas com as pessoas que estão próximo, mas também com quem está longe e pensa como nós, e como nós procura viver o Ideal, experimentando transformar este mundo num lugar melhor.

As palavras de Chiara, no supercongresso de 1997, parecem-nos ainda mais verdadeiras, porque as experimentámos!

«Eu penso que o modelo de homem para as gerações futuras é o homem da unidade [...] a quem nós chamamos homem-mundo, um homem que traz no seu coração todos os tesouros que os outros, dos vários continentes, lhe dão e que consegue dar os seus tesouros aos outros».

Agostino Spolti



Mariápolis no mundo

Irmão ao lado do irmão

Os encontros realizados este ano
Foram mais de cem

De Cheliabinsk, na Rússia, a Pozzallo, na Sicília. De Yogyakarta, na Indonésia, a Cochabamba, na Bolívia. De Montreal, no Canadá, a Melbourne, na Austrália.

Muitas, muitíssimas as Mariápolis que se realizaram na primeira metade de 2013, nos cinco continentes. Em todas a confirmação de que, passar alguns dias juntos - jovens, adultos e crianças - no clima do amor recíproco, é uma experiência que vale a pena viver e reviver.

Dois ou mais dias, passados nas montanhas, ou imersos na natureza, ou numa Cidadela: não há um lugar específico para as Mariápolis, nem um cliché a seguir. É talvez por isso mesmo que cada um que chega, até quem participa pela primeira vez, permanece tocado, pela atmosfera que se respira e percebe. Fica conquistado pela presença de Jesus entre todos, uma presença que se traduz em sorrisos, alegria, despreocupação, confiança no outro.

A caracterizar, este ano, as cerca de 100 Mariápolis que se realizaram até agora, estão os relatórios cheios da experiência de amar o irmão até à unidade e do empenho em construí-la juntos, vencendo as inevitáveis dificuldades já desde as preparações.



E depois, no específico, em **Mendoza**, na Argentina os jovens e os adolescentes - cerca de 200, entre os 500 participantes - utilizaram os dias de Mariápolis para fazer uma ação de solidariedade: pintar uma escola num bairro pobre da cidade.

De **Lentini**, próximo de Siracusa na Sicília, a comunidade escreveu assim à Emmaus: «As experiências que demos fizeram conhecer-nos mais profundamente, descobrimo-nos "novos". Experimentámos "Jesus entre nós", que passava e convertia e sentimo-nos um pouco como os primeiros discípulos que, conquistados, seguiam Jesus. Um sentimento de gratidão profunda por estes dias de "Paraíso" e uma responsabilidade a não desaproveitar quanto nos foi dado para nós e para quem está à nossa volta».

Na **Bulgária**, a Mariápolis viu a participação de 88 pessoas - ortodoxos, católicos, muçulmanos e pessoas sem uma referência religiosa - das quais cerca de vinte a fazer a sua primeira experiência. A primeira tarde foi dedicada ao «perdão»: cada um escreveu num papel aquilo que perdoava aos outros e aquilo que queria que fosse perdoado, queimando depois tudo numa pequena



Tailândia

fogueira. Entre cantos, orações e gestos concretos de perdão recíproco, criou-se uma atmosfera solene.

Em **Tagaytay**, nas Filipinas, as várias expressões do amor ao irmão foram apresenta-



Sibéria



Canadá



Estados Unidos

flashmob formando uma grande estrela, com a qual quiseram selar o empenho de viver «Assim na Terra como no Céu».

Pequenos *flashes* das muitas Mariápolis. Diferentes nos programas, nos números de participantes, nas modalidades de desenvolvimento. Com características comuns, aquelas que Chiara mesma tinha indicado como típicas da cidade de Maria, para testemunhar Deus onde «os habitantes, que anualmente se reúnem, colaboram para as formar, querem ter este único desejo: aquele de Maria, para quem Deus era tudo. Mostrar ao mundo o valor do espírito, fazer triunfar num ponto da Terra o valor maior, o espírito»¹.

Tiziana Nicastro

das de modo artístico. Um jovem, através de uma dança interpretada com outros da sua idade, contou a sua história pessoal: expressou como o centro social Bukas Palad tinha ajudado a sua família desde que o pai os tinha deixado, quando a sua mãe estava grávida dele, e depois, pouco a pouco, até quando um dia a sua casa foi queimada devido a um incêndio e a sua família foi ainda mais ajudada. No passado março, este jovem licenciou-se em Tecnologia informática e quer retribuir a Deus, por todas as graças recebidas, através da sua viva participação nos projectos promovidos pelo Bukas Palad.

Em **Heredia**, na Costa Rica, os 217 participantes, na conclusão da Mariápolis, fizeram um

Ver Speciale Mariapoli 2013
no: www.focolare.org/notiziariomariapoli

1 C. Lubich, *Come un Arcobaleno*, Roma, 1999, pag. 455

MARIÁPOLIS

está também online!

www.focolare.org/notiziariomariapoli

ID e password atual: *notiziariomariapoli*

Entre as últimas atualizações os Especiais **Especiais sobre “Montet – agosto 2013”** e sobre **“Mariápolis no mundo”** e outras interessantes *news* para seguir a vida do Movimento



As Gen4 em congresso

Uma avalanche de actos de amor a chegar!

Um «laboratório» para preparar o tema do próximo ano sobre o amor recíproco

De 20 a 23 junho o Centro Mariápolis de Castel Gandolfo recebeu 130 meninas, dos quatro aos nove anos, provenientes da Itália, Portugal, França, Bélgica e Malta.

O Congresso, pensado para as unidades arco-íris, foi um grande laboratório para preparar o tema do próximo ano sobre o amor recíproco.

Nestes quatro dias, as gen4 tornaram-se irmãs umas das outras, vivendo o pacto do amor recíproco. Como sugeria o título do congresso «*Amai-vos! ... como no Céu*» prometeram amar-se reciprocamente com a medida de Jesus («Como eu vos amei [Jo 15, 9-17]»), e, para o selar, cada uma delas recebeu e colocou no dedo um anelzinho, símbolo do pacto. O vínculo humano e sobrenatural tornou-se tão profundo que, no momento da partida, não se queriam separar.



A mensagem da Emmaus – «*Estou convosco para que sejam sempre e em todo o lado chamazinhas luminosas*» – tornou-o ainda mais sagrado e era acompanhado por um presente especialíssimo: varinhas incandescentes, com as quais as gen4 ficaram entusiasmadas. Todas as ocasiões eram boas para as acender e transformar a sala num mar de estrelas! Escreveu uma delas: «Ciao Emmaus! Obrigada pelas luzes e, como tu disseste, devemos ser chamazinhas luminosas. Experimentei-o e sei que o conseguirei porque tenho o amor dentro do coração e Jesus pertinho».

Um momento especial foi o relato que Emanuele (um jovem licenciado) fez sobre o nascimento e a evolução do Universo relatado no Genesis. As gen4 descobriram que nós estamos inseridos no desígnio (de milhares de anos!) do amor de Deus e somos o resultado da morte de uma estrela, que explodindo, deu luz e vida. No fim, uma delas disse: «Assim quer dizer que a estrela se sacrificou por nós». E outra: «Isto é o significado do pacto: ser uma estrela que morre por amor».

E esta medida de amor entendeu-se ainda mais no diálogo com a Eli que, à pergunta de uma gen4: «Qual era o tamanho do amor de Chiara, no focolar?», respondeu: «Sem limites».

O amor recíproco encheu os seus corações de uma grande luz.

Quando Michel Vandeleene falou



do Pacto de 49 e da Escola Abbà, numa linguagem simples e espontânea, descobriram que experimentar o Paraíso já em vida é possível, e saborearam-no como escreveram nas suas cartinhas a Jesus: «Ciao Jesus, gosto muito de ti - é muito bonito o paraíso! Leva-me ao paraíso. Quero ver-te Deus, no céu. Eu gostava», «Peço-Te para estares sempre no meu coração», «O Teu pai criou muitas coisas bonitas no mundo e a coisa mais bonita é que existes tu».

Uma família sem confins

Fizeram-se quatro ligações via skype com o Paquistão, Brasil, África e Japão e alargou-se ainda mais a família. Na festa com as primeiras e os primeiros focolarinos as gen4 puderam exprimir os seus talentos e as suas curiosidades: as «viagens no mundo»,

as danças de outros países e um telejornal criado e apresentado por elas.

Uma grande caixa em forma de livro recebia, durante todo o Congresso, as perguntas que tinham mais nos seus corações, encontrando depois, elas mesmas, as respostas na comunhão de impressões. À pergunta «Como é que, se Jesus nos deu o amor, algumas pessoas fazem tantas maldades?» uma gen4 respondeu: Porque



Chiara em 1988 aos internos da Alemanha

São verdadeiramente fabulosas as gen4!

E eu interrogo-me porquê?... Porque têm a inocência, têm o batismo, e, com o Ideal, o batismo como que desperta com todas as suas potencialidades, desponta e não é obstaculado pelo pecado - não conhecem ainda o mal - e então revela-se em toda a sua beleza e querem seguir Jesus. [...]

Temos nas gen4 uma potencialidade enorme para o nosso ideal. Elas ouvem tantas coisas do Ideal, mas concentram-se exatamente na coisa mais importante. Por exemplo uma menina perguntou a uma gen4: «Como se faz para se ser uma gen4?».

E ela respondeu: «Amal!». Portanto compreendem que o amor é o centro do nosso Ideal...

Jesus entra em todos os corações mas às vezes nós caímos nas tentações». E uma outra: «Como posso estar de acordo com quem me odeia?» seguiram-se diversas experiências: «Eu também, se um inimigo me magoa, quero-lhe bem porque perdoo sempre», «Deve-se sempre amar, quem gosta de ti e quem não gosta. Deves amá-lo sempre, porque assim pelo menos fazes sorrir mais uma pessoa», «Ajudando o inimigo nós sorrimos cada vez mais e o nosso inimigo pode-se tornar amigo», «Porque amando o outro matas o homem velho».

Os adultos presentes ficaram estupefactos com a profundidade e maturidade destas meninas que, como dizia Chiara em 1988, pareciam ter o batismo à flor da pele e, com ele, o Espírito Santo.

Christiane Heinsdorff

Um caminho comum

Deixar-se «transformar» pelo diálogo

Passos importantes entre hebreus e cristãos

No fim do IV Simpósio hebraico-cristão, realizado na Mariápolis Lia na Argentina, em Agosto de 2011, alguns amigos hebreus tinham manifestado com clareza a consciência de que tinha chegado o momento para dar um decisivo passo em frente no nosso diálogo. Um deles expressou eficazmente este ponto, sublinhando como, depois de anos de diálogo e com a profunda e recíproca confiança adquirida, se podia chegar a deixar-se transformar pelo outro, no processo do diálogo, sem temor ou perigo de perder a própria identidade.

Iniciou-se uma série de contactos, decorridos no decurso dos últimos dois anos, entre um grupo de hebreus e cristãos, sobretudo dos EUA e da Argentina, e amadureceu a ideia de um encontro limitado quanto ao número de participantes, para permitir uma experiência deste tipo. O programa, que se realizou no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo de 10 a 13 de junho, foi elaborado em conjunto, no decurso de algumas conferências via skype. Foi possível compreender assim o que estava no co-

ração de cada um e as modalidades para o realizar. Tratava-se, de facto - para usar uma imagem bíblica na qual todos nós, hebreus e cristãos, nos reconhecemos -, de sair, como o comum pai Abraão, da própria terra, das próprias seguranças, das nossas ideias, do modo de fazer e dos modelos preconstituídos para entrar num novo mundo, onde Deus nos queria conduzir.

Os participantes nesta nova experiência eram cerca de trinta, provenientes dos EUA, da Argentina, do Uruguai e da Itália. Estiveram presentes hebreus ortodoxos, conservadores e reformados e, entre eles, estavam também alguns rabinos. A grande novidade deste momento de diálogo, intitulado *Imitatio Dei* (Imitação de Deus) foi a sua metodologia. Foram, de facto, lidos juntos, exatamente por desejo dos nossos irmãos e irmãs hebreus,

seja alguns textos de Chiara seja da tradição hebraica. A apresentação foi, no entanto, confiada a um hebreu para os textos de Chiara e a um cristão para aqueles de tradição hebraica. Seguiu-se um momento de comunhão segundo o estilo da *hevruta*, divisão em pequenos grupos mistos, de dois ou quatro. Concluía-se a sessão com um momento comum, onde era possível partilhar os frutos de tais aprofundamentos.

A experiência foi muito abrangente, porque cada um deu um contributo novo à perspectiva do outro, enriquecendo-a e permitindo ver aspetos que não eram muito evidentes no interior da própria tradição. Ao mesmo tempo, ofereceu a cada um a possibilidade de explicar a própria tradição ao outro, do mais profundo do coração e da experiência.



A «arte de amar» abate todas as barreiras

Encontro em Baar, na Suíça, entre muçulmanos e cristãos

A «arte de amar» abate todas as barreiras entre muçulmanos e cristãos! Foi exatamente o que experimentámos depois deste encontro, que contou com a presença de uma centena de pessoas das duas religiões, provenientes de todas as partes da Suíça e algumas pessoas vindas do estrangeiro:



focolarinos e voluntários (da Áustria, França, Polónia, Itália).

As notícias sobre o diálogo interreligioso na Polónia, dadas por Mariola Kozubek e Abdul Jabbar Koubaisy e as de

Não faltaram momentos críticos, mas a experiência que mais resume estes dias de diálogo «transformante» foi expressa num famoso passo da tradição rabínica: «Não és obrigado a completar o trabalho, mas não és livre de o abandonar». (Mishnah, Pirkei Avot 2,16).

Roberto Catalano

Paul Lemarié sobre os relacionamentos, na Macedónia e em Brescia, dilataram a alma de todos.

A característica deste encontro foi, sem dúvida, o facto de termos preparado o programa junta-

mente com Jalleh Birgy, voluntária muçulmana, com o Imã Mohammed Tas e alguns dos seus colaboradores.

O Imã Tas introduziu o tema de Chiara aos muçulmanos, de 2002, sobre o amor ao próximo, dizendo: «Li este tema três vezes, lentamente, e depois meditei-o. Penso que tudo aquilo que Chiara diz é válido também para nós. O amor é muito importante na nossa religião. Quando uma pessoa não ama, tem um problema no seu coração. Está ocupado pelo Maligno. Talvez a culpa não seja dele, mas de quem preencheu o coração com o Mal. É um coração que devemos purificar, renovar, tornar bonito. E é por isso que estamos aqui hoje. Nós queremos formar-nos. Não devemos olhar através de uma única porta, mas sim através de várias portas...».

Parece-nos que as palavras



do Imã foram a expressão dos muçulmanos presentes e deram também confiança aos novos. Sobretudo aqueles que receberam as palavras de Chiara como uma mensagem preciosa.

Depois exprimiram a sua corresponsabilidade em contribuir para a fraternidade universal, manifestando também a exigência em se encontrarem mais vezes, em se inserirem nas comunidades locais, em viver a «arte de amar». No fim do encontro distribuámos cartões, com o formato de cartão-de-visita, com as frases chave da «arte de amar». Era impressionante ver como nos pediam mais uns para dar à mulher, ao marido, aos filhos, à avó, que não estavam presentes: «Esta "arte de amar" deve-se viver juntos», diziam.

Vários jornais fizeram reportagens sobre o evento, pondo a tónica na fraternidade universal.

Marianne Rentsch, Franco Galli

Ecumenismo

«Amar a Igreja do outro como a nossa»

Em várias zonas de Itália os encarregados do segundo diálogo organizam a formação ecuménica para os internos empenhados neste campo.

O último curso foi na zona do Triveneto

Por causa dos numerosos relacionamentos com os ortodoxos de vários Patriarcados que estão no nosso território, de 7 a 9 de junho, no Instituto de Estudos Ecuménicos «S. Bernardino» em Veneza, aprofundámos o conhecimento da Igreja ortodoxa. Éramos cerca de trinta, com uma focolarina ortodoxa romena e um aderente ortodoxo búlgaro.

Como conclusão solene destes três dias, no domingo de manhã assistimos à Divina Liturgia na Catedral ortodoxa de S.

Jorge dos Gregos e, à tarde, o Metropolita de Itália e Malta do Patriarcado ecuménico, Gennadios, encontrou-se connosco e, num clima mesmo sobrenatural, fez-nos reviver os seus «primeiros tempos» com o Patriarca Athenágoras e Chiara.

O professor Riccardo Burigana, diretor do Centro de Estudos para o Ecumenismo em Itália, mostrou o crescimento progressivo dos lugares de culto ortodoxo (355), mas também de outras Igrejas e grupos espontâneos de

crístãos. Com o prof. Loreno Lorenzon, voluntário, aprofundámos os princípios católicos do ecumenismo e, com p. Marius, sacerdote romeno ortodoxo, os da sua Igreja. Foi significativo o testemunho de Armando Romano, de convicções não religiosas, sobre a ação de solidariedade que há vinte anos envia remédios para a Roménia e também para uma policlínica ortodoxa em Cluj.

O tema do curso foi a frase de Chiara «Amar a Igreja do outro como a nossa» e parece-nos que isto aconteceu com cada um dos participantes.

Anita Gei, Giancarlo Farina





Movimento político para a unidade Um novo ciclo de encontros

Recomeçam, perto do Montecitorio, os encontros que envolvem deputados de várias facções.

O Movimento político para a unidade (Mppu) italiano tinha, desde o início, proposto um percurso formativo para os deputados no Palácio da Arciconfraria dos Bergamaschi, perto de Montecitorio. Depois de um primeiro e longo ciclo de encontros – que, entre outras coisas, levou à publicação, em 2005, de *"Meditações para a vida pública. O carisma da unidade e a política"*, editado pela Città Nuova –, iniciou-se um segundo ciclo, a 19 de junho passado. Temas ligados à agenda política, experiências de parlamentares, leituras, à luz do Ideal da unidade, propostas pelos nossos estudiosos caracterizaram

o encontro, com a presença de 22 parlamentares de vários partidos, estudantes das escolas de participação, presidentes regionais do Mppu. Foi apresentada uma proposta de um percurso comum, feito de encontros formativos e de oficinas de escuta recíproca e partilha sobre temas diversos, para se gerar uma espécie de intergrupo parlamentar para a fraternidade, que quer viver este paradigma no difícil conflito da política quotidiana, permanecendo cada um fiel ao próprio partido, no espírito da unidade para o bem comum. Também está prevista a participação de especialistas em economia civil e reformas

institucionais, com a finalidade de facilitar os trabalhos parlamentares e impregná-los com a nova cultura política da unidade. O próximo encontro ocorrerá a 10 de setembro e será sobre o tema da legalidade e do jogo. Seguir-se-ão três dias de seminário formativo, sobre novas culturas políticas no contexto europeu, de 22 a 24 de novembro em Loppiano, com a colaboração do Departamento de estudos políticos do Instituto universitário Sophia, para parlamentares, centros regionais Mppu e tutores das 24 escolas de participação, espalhadas pelas várias regiões. As escolas são lugares de convívio e de formação de jovens e de cidadãos ativos, em rede, fortemente ligados às comunidades locais e aos elementos eleitos, para a realização, em Itália, de uma democracia participativa e deliberativa, a partir das bases, como verdadeira saída de uma longa crise de sistema.

Silvio Minnetti

Um prémio internacional para a New City Press Filippine

José Arenas, redator-chefe de *New City Magazine* – Philippines, está entre os 25 vencedores dos prémios internacionais de jornalismo e *media* (na categoria do diálogo interreligioso), conferidos pela Icom (Organização cristã Internacional dos Media), com sede em Genebra.

A entrega ocorrerá em Panama City, durante o *Media World Congress* (29 de setembro – 6 de outubro).

Este prémio quer reconhecer os serviços e contributos no campo da paz e da convivência entre membros de várias religiões e culturas.



A pessoa no centro

Experiências ao contacto com a pobreza atual

«Para mim, já chega e sobra»

Fui chamada por uma voluntária da Cáritas para seguir um senhor com muitas dificuldades, não só económicas. Vive só, tem 65 anos mas aparenta ter 80, é desconfiado e parecia ter perdido a esperança. Depois das primeiras intervenções de urgência imediata, como a alimentação e o vestuário, procurei saber por que motivo este senhor não tem uma pensão.

Não era fácil por causa da sua relutância, mas senti que tinha que avançar com paciência até obter a sua autorização para tratar do assunto e verificar qual era a sua situação. No dia seguinte fui à repartição e descobri que este senhor já tinha uma pensão desde há quatro meses, mas a desorientação era tal que não fez caso da comunicação por escrito da entidade ou talvez nem a tenha percebido.

As diligências do empregado permitiram ainda ver que este senhor tinha direito a um cheque para



a alimentação. Depois de ter providenciado a que se vestisse de forma digna, fui com ele à Caixa para as assinaturas e depois fomos aos correios para levantar o primeiro cheque. A alegria foi tanta que, nos correios, contou e voltou a contar o dinheiro, olhou-me incrédulo e reconhecido e disse-me: «Agora posso comprar dois bifes; mas quem é que a mandou?» e eu «foi Deus».

Readquiriu dignidade e esperança, e a assistente social disse-me que agora trabalha num estaleiro, pois sabe trabalhar bem com madeira, mas a coisa mais importante é que comunica a sua vida a outras pessoas. Com um olhar benévolo, agradeceu-me dizendo: «Tudo isto, para mim, já chega e sobra».

Pasqualina

A coragem de pedir desculpa

Um dia apresentou-se no consultório um paciente com SIDA. Esta pessoa impressionou-me muito mais do que os outros pacientes que têm a mesma patologia, talvez porque me pareceu ver no seu olhar a tristeza e a desolação de não se sentir amado, o que se exprime num comportamento pouco cortês. O nosso trabalho obriga-nos a respeitar parâmetros, que nos afastam do simples contacto humano, como atendê-lo no fim de todos, proteger com domopak o campo operatório para evitar salpicos, vestir duas batas, usar máscara, e assim por diante. Mesmo tendo consciência de que estes procedimentos são necessários e que o paciente vê como frieza, sinto que me custa muito precisamente porque ofusca aquela relação de amor, indispensável no nosso trabalho. Talvez também sofra muito porque o coração me sugere este pensamento: «Jesus abraçava os leprosos

e sabemos que não morreu por causa disso».

Como faço geralmente, dirigi-me a este paciente com delicadeza e sorridente, porque para mim é outro Jesus para amar, mesmo se ele continua indiferente. Como não estava na lista de consultas, pedi-lhe a folha da marcação. Ele não a tinha e eu expliquei-lhe que era importante apresentá-la. Quando ele se ausentou, vi que o nome dele estava lá, afinal. Que engano! Senti que ia morrer. As colegas e os médicos aconselharam-me a dizer que foi um erro do computador e não meu, mas esta justificação não me tranquiliza.

Quando o paciente voltou, entregou-me a folha quase como um desafio. Eu estendi a mão para apertar a sua, pedindo-lhe sinceramente desculpa diante de todos os pacientes e dos colegas, explicando o meu erro.

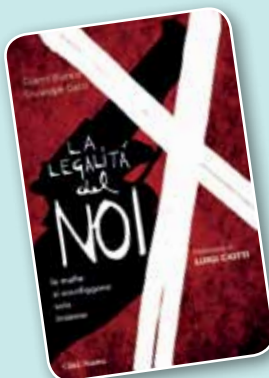
Foi uma experiência sobretudo para mim, porque me chamou a atenção para o trabalho e para viver bem o momento presente, para poder aproveitar todas as ocasiões que Deus me oferece para amar.

Elena

Novidades editoriais

A legalidade do nós

As máfias só se derrotam juntas



Prefácio de Luigi Ciotti

Gianos Bianco - Giuseppe Gatti

Saiu recentemente na Città Nuova o volume *A legalidade do nós. As máfias só se derrotam juntas*, pensado como um instrumento de aprofundamento e de formação, em linha com o empenho do Departamento «Legalidade» do Projeto Itália.

Na entrevista de Gianni Bianco, jornalista da Rai, a Giuseppe Gatti, procurador substituto da Direção Distrital Antimáfia de Bari, sucedem-se histórias de resgate e emancipação da lógica dos malfeitores e da lei do silêncio. Histórias como a de Ercolano, primeira cidade do Sul onde a «renda» foi declarada ilegal, graças ao trabalho conjunto de cidadãos, instituições, magistrados, forças da ordem. Ou como aquela de Calcestruzzi Ericina de Trapani, que a mafia tinha como alvo, resgatada pela cooperativa de ex-empregados da empresa. Histórias de homens e mulheres que *juntos* reagiram, mostrando que a cultura da legalidade, baseada numa rede de relacionamentos, é o antídoto mais eficaz contra a máfia.

«Nestas páginas conta-se como foi o "nós", em certos territórios, a travar uma injustiça que era forte devido à solidão e isolamento das suas vítimas. Simultaneamente, sublinha-se como o "nós" – explica o p. Ciotti no prefácio – não chame à atenção unicamente as "categorias" atingidas pela violência mafiosa, mas todos os âmbitos da vida social – instituições e Igrejas, empreendedorismo e escola, sindicatos e informação – porque só um nós, em coro, poderá derrotar, mais do que as organizações criminais, a mentalidade que as gerou... O nós não é a mera soma de indivíduos, mas também os seus relacionamentos, o tecido social a partir do qual cada um pode encontrar e realizar profundamente a sua dignidade e liberdade de ser humano».

Elena Cardinali

Telegramas da Emmaus referentes aos últimos cinco focolarinos que foram para a Mariápolis celeste

Pier Giorgio Colonnetti

Uma vida inteiramente dedicada à Obra

Piergiorgio, focolarino casado da Mariápolis romana, membro do Conselho geral, foi para o Céu no dia 17 de julho. A sua vida foi inteiramente dedicada à Obra de Maria, desde quando conheceu Chiara, no anos '50.

«O que é impossível aos homens é possível a Deus»(Lc 18,27). Esta foi a Palavra de vida que Chiara lhe deu, em outubro de 1990, e que Pier Giorgio repetia muitas vezes a si próprio para aceitar com responsabilidade os vários encargos que Chiara, pouco a pouco, lhe foi confiando. Mas também para encorajar e ajudar quem tinha dúvidas ou vacilava. Esta Palavra cultivava nele uma grande humildade. Em 2005, escreveu a Chiara: *«Sinto-me como uma pequena peça de um grande e estupendo mosaico: devo apenas "ser", a fim de que não haja um buraco naquele mosaico, mas para ser devo "não ser"»*.

Pier Giorgio nasceu em Turim em 1930. Conheceu o Ideal em 1956 e em 1957 participou na Mariápolis de Fiera di Primiero. Nesse mesmo ano casou-se com Simonetta, também ela focolarina casada, e em 1960 entrou em focolar.

Em 1967, com a família, mudou-se definitivamente de Turim para Roma e foi trabalhar na Fundação «Ajuda à Igreja que Sofre» do P. Werenfried, até 1987, quando passou a ocupar-se a tempo inteiro dos focolarinos casados, juntamente com Danilo Zanzucchi. Depois e até 2002, foi ele o responsável. Muita gente cresceu com a força das suas experiências e da sua vida, que testemunhou, com uma simplicidade muitas vezes desarmante, como era possível ser-se casado e todo de Deus ao mesmo tempo. Muitos focolarinos casados devem-lhe muito da sua vida ideal.



Foi também, durante alguns anos, Presidente da AMU e, depois de ter dado um valioso contributo na Secretaria de Humanidade Nova, em 2007, Chiara confiou-lhe a responsabilidade do primeiro Diálogo, em conjunto com Anna Pelli. Viveu este cargo com uma dedicação extrema,

construindo relações com numerosos membros de vários Movimentos para gerar a comunhão, na qual via «a realização progressiva do desígnio da Obra de Maria na Igreja».

A sua relação com Chiara foi sempre um ponto fixo na sua vida, como demonstra a correspondência que manteve com ela. Em 1979, confiou-lhe: *«Tenho a impressão que, se antes escolhia, procurava e me esforçava por abraçar Jesus Abandonado, agora Ele tornou-se uma coisa só comigo. E isto faz-me sentir mais concreta e realmente unido a ti. Posso dizer que em todos estes anos de Ideal, nunca deixei um só dia de desejar a mais perfeita unidade contigo»*. E em 1982: *«Cara Chiara, tu convidas-nos a estar prontos para partir, e eu estou, asseguro-te: dispõe de mim... E pronto para partir ou para ficar, procuro ser "santo" e verdadeiro servo de Maria»*. *«Nestes dias percebi que aquilo que importa é a presença do Ressuscitado entre nós. Devo mesmo fazer-me santo com os outros, custe aquilo que custar»*.

Recentemente, uma doença grave, que viveu no amor e ancorado à vontade de Deus, levou-o em poucos meses ao encontro do Pai.

Em abril deste ano escreveu-me: *«Tenho poucas forças... mas sigo os tratamentos e consigo viver em particular o "amarelo" e o "verde", mas também todas as cores... Agradeço ao Senhor pelas imensas graças recebidas desde que conheci o Ideal até hoje e pelo tempo que me resta e pelo "como" o poderei viver. Mas aquilo que importa é só a vontade de Deus, pe-*

dindo-Lhe apenas, se possível, poder continuar a amar até ao último momento».

E em maio: «Esta fase da minha vida, seja breve ou longa, é cheia de luz e de serenidade e procuro vivê-la só por Deus, pela Sua Obra, pela Igreja universal, em plena unidade com o Papa Francisco». «O importante é conseguir fazer apenas aquilo que Ele tem no coração».

(em www.focolare.org/notiziariomariapoli está disponível o perfil lido no funeral)

Luisa Bortoletto

«Quero viver a unidade»

Luísa, focolarina da Mariápolis romana, partiu serenamente para o Céu no dia 19 de julho, por volta do meio-dia. Às 10 horas tinha recebido os últimos sacramentos num clima solene, tendo junto dela um grupo de focolarinas da Casa Verde «Maria della Guarigione», em Grottaferrata.

Nasceu em Milão em 1927, numa bela família: o pai era empregado numa grande empresa, a mãe era dona de casa. Tinha apenas uma irmã mais velha, Elena, que era muito sociável e aberta, enquanto Luísa crescia introvertida e insatisfeita com a vida.

Em 1950, um golpe de misericórdia: um sacerdote, a quem se tinha ido confessar, dá-lhe o endereço do focolar. Luísa vai e ouve Vale Ronchetti falar do Ideal. Volta para casa tão «inflamada» que a mãe pensou: «Perdeu a cabeça».

Luísa entrou em focolar, em Milão, dois anos depois. Com coragem, deixou a família. Mais tarde, quando o pai partiu para o Paraíso, confiou: «Não senti que o perdi agora, porque já o tinha dado a Ele, há sete anos, quando entrei em focolar e, assim como o pai, dei toda a minha família».

A sua escolha levou-a a várias partes de Itália e da Europa até 1974, ano em que vem trabalhar para o Centro do Movimento, em Rocca di Papa, onde ficou até ao momento da sua morte.



Quem a conheceu de perto pode imaginar como trabalhou o seu caráter, por um lado brusco e rigoroso em defender os princípios em que acreditava, por outro de um amor profundo pelo próximo e desejoso de comunhão com Deus e com Chiara.

Escreveu a Chiara em 1981, depois de um Collegamento CH sobre o «santificar-se juntos»: «À tua pergunta: "Conseguimos fazê-lo?", que me impressionou fortemente e me colocou diante de Deus, sinto que não posso

deixar de responder. Parecia-me que seria trair Deus, que seria trair-te a ti que nos chamas ao teu Carisma. Sim, Chiara, quero escrever esta carta para assegurar-te que quero viver a unidade».

Luisa fazia o seu trabalho com uma grande precisão e não descansava

enquanto não realizava o desejo de alguém que Lhe tivesse pedido qualquer coisa. Talvez depois de uma repreensão tácita, mas encontrava sempre qualquer coisa que Lhe podia ser útil: um artigo do *Ossevatore Romano*, um livro de Chiara, etc.. Se não sorria com os lábios, sorria com uma evidente simpatia nos olhos.

No final da sua «corrida» encontrámo-la toda amor. Dizia a quem a visitava: «Quanto amor, quanto amor encontrei aqui», referindo-se às focolarinas da Casa Verde. A uma outra pessoa, com dificuldades económicas: «Vou fazer com que te chegue a Providência», aludindo a quando chegasse ao Céu. Ou, com as lágrimas nos olhos, a uma outra pessoa: «gosto muito de ti». Luísa pensava no Paraíso, sentia-o próximo.

No último período, teve um momento de desânimo, de escuridão, talvez fosse uma carícia do amor de Deus, para a preparar para a passagem serena para a Outra Vida.

Imaginamos Luísa recebida por Chiara e por todos os nossos da Mariápolis celeste. Agradecemos a sua vida inteiramente ao serviço da Obra, que com certeza vai continuar a apoiar também lá de Cima.

Egidio Clementi

«Unidade e fogo»

Sexta-feira, 28 de junho, Egidio, focolarino casado de Trieste, partiu para a Mariápolis celeste. Tinha a seu lado os focolarinos casados da sua cidade e Giorgio, que ainda pequeno foi acolhido com muito amor na sua família. Deixou a recordação de uma vida tecida pelo Ideal, percorrendo todas as etapas da «via Mariae», até à Desolada e ao «tudo está consumado» final.

Nasceu em 1926 e, depois de ter estudado medicina em Florença, mudou-se para Trieste onde vivia com a sua mulher, Romana. Precisamente ali, conheceu o Ideal em 1956, através de Ginetta Calliari e Piero Pasolini. «O Ideal transformou-me não só a alma mas também fisicamente», escreveu a Chiara. Desde aquele momento o focolar com Jesus no meio tornou-se a pérola preciosa pela qual se dispôs a "vender" todas as coisas. Tendo de participar em concursos públicos por causa da sua profissão, escolhia as cidades da Itália onde havia o focolar para poder estar com os focolarinos.

Em 1965 pediu uma Palavra de vida: «para correr depressa, sem pensar em muitas coisas... como uma criança que segue com segurança a sua mãe, que lhe deu a vida» e Chiara, pela sua própria mão, respondeu-lhe: «Agrada-te o binómio que nos foi confiado pelo Santo Padre "Unidade e Fogo"?». E, em 1985, foi a Eli que lhe escreveu: «Chiara sente uma grande alegria por te dar como nome novo "Fochoerello" e confia-te particularmente a Foco, para que ele te ajude a ser um "pequeno fogo" sempre aceso, que difunde luz e calor!». E Egidio assim fez: foram imensas as pessoas que encontraram ou reencontraram Deus graças ao seu testemunho e às suas palavras. De facto, ele sabia escutar, mas também falar no momento oportuno. Era um ótimo comunicador: vivo, alegre, dotado de um saudável humor toscano, sabia retirar das suas experiências mesmo aquelas pérolas capazes de tocar o coração de todos os tipos de pessoas,



quer no âmbito religioso quer no leigo. Deu o Ideal a muitas pessoas, seguindo-as depois com um amor constante e contribuindo para o nascimento da comunidade de Trieste e das cidades vizinhas.

Um capítulo especial da sua vida foi o precioso serviço prestado à Obra e à Igreja na ex-Jugoslávia, nos tempos do

comunismo, quando Egidio, com a sua mulher, se propôs para manter os contactos e levar, de uma parte da fronteira para a outra, textos e documentos, mesmo com grandes riscos pessoais.

Médico pediatra famoso, serviu com amor, inteligência e dedicação as crianças que devia tratar e as suas famílias, levando-as a acreditar em Deus, mesmo nos casos mais desesperados.

Não faltaram momentos difíceis que o purificaram, fazendo-o perceber mais profundamente o trabalho de Deus nele. Depois de um encontro no Centro, escreveu a Chiara: «Na comunhão, ao renovar o Pacto contigo, peço a graça de, todos os dias, ser capaz de aceitar cada vez mais no meu coração aquele grito imenso de Jesus Abandonado. Pede essa graça para mim, também tu Chiara. Que eu não ouça outra voz, que eu não tenha outro desejo, que eu não escute outra música, que eu não ame mais ninguém. Só Ele Abandonado, o Único que pode saciar o meu desejo de amor».

Depois da morte do pai, que ele assistiu até ao fim numa contínua oferta desta dor, em 1999 partiu também para o Paraíso a sua mulher, Romana, com a qual tinha dividido o nascimento de Famílias Novas (em 1967). Nos anos seguintes, a saúde de Egidio começou a piorar: foi o momento de inverno para a sua árvore tão rica de frutos, anos vividos com muita dignidade, mas no silêncio. O amor das famílias focolar e da comunidade criou, pouco a pouco ao seu redor, uma constante presença de Jesus no meio que o ajudou a renascer espiritualmente e o fez receber de volta o muito amor semeado. Recuperou assim a serenidade e o sorriso. Nesta atmosfera, partiu para o Céu.



Tadeusz (Tadek) Iwanecki

Um focolarino realizado»

Tadeus, focolarino casado de Katowice (Polónia), concluiu a sua «santa viagem» no sábado, dia 22 de junho. Conheceu o Ideal em 1980, juntamente com um grupo de estudantes ligados a um sacerdote focolarino. Fascinado pela luz do carisma, tornou-se um dos primeiros gen. Depois do casamento com Bożena, da qual nasceram dois filhos - um é agora sacerdote - e uma filha, sentiu o chamamento ao focolar e respondeu com generosidade.

Nestes 30 anos vividos em profunda unidade, sempre ao serviço da Obra, Tadeusz deu um grande contributo sobretudo na formação dos jovens (era assistente gen3 desde há 10 anos), utilizando da melhor maneira a sua experiência de pedagogo e os seus talentos musicais. Tinha uma capacidade de criar relacionamentos simples, diretos, cordiais com pessoas de todas as idades e proveniências, até com as crianças deficientes. Onde estivesse o Tadeusz, existia sempre comunhão e alegria.

Não lhe faltaram também as provações. Nesses momentos, a sua grande abertura no focolar foi um trampolim para as vencer. Tadeusz demonstrou sempre um amor particular pelos

focolarinos de vida comum, com quem sentia uma grande sintonia. Ia muitas vezes ao focolar, simplesmente, para viver o seu dia a dia.

Três semanas antes da sua partida para a Mariápolis celeste, devido a um enfarte, tinha completado 54 anos. Nesse dia alguns focolarinos tinham ido fazer festa com ele e com a sua família. Este foi, para Tadeusz, um momento de particular alegria. Quando os acompanhou ao carro não deixava de agradecer. O sorriso radiante, com o qual se despediu, ficou neles como uma imagem de Jesus Ressuscitado.

Os testemunhos no seu funeral (com mais de mil pessoas) mostraram que Tadeusz era um «focolarino realizado», sublinhando algumas características: verdadeiro homem de fé, de oração, amigo de Jesus. Foi sobretudo tocante a intervenção de Jabbar, um amigo muçulmano.

Em 1998, Chiara tinha-lhe dado uma Palavra de vida: «Procurem com zelo as melhores graças» (1 Cor 12,31).

Depois de ter participado num encontro em Castel Gandolfo, Tadeusz escreveu a Chiara: «O meu coração transborda de gratidão. Quero ser sempre um eco de Deus Pai e amigo da Eterna sabedoria. A partir de hoje viverei pela "novíssima unidade" como um pequeno Foco no teu e meu focolar. Na unidade contigo para sempre».

Agradecemos a Deus pela dádiva do Tadeusz, que nos deixa em herança um testemunho de amor a Deus e ao irmão, vivido com a máxima intensidade.

Irmã Luca Maes

Silenciosa e concreta

A Irmã Luca Maes, religiosa da Bélgica, deixou-nos no dia 10 de abril, quando as Religiosas da Obra se encontravam reunidas no Centro Mariápolis da zona.

Fazia parte da congregação das irmãs hospitalares de Antuérpia e a sua vida foi cuidar dos doentes nos hospitais onde, depois da guerra, se doou incansavelmente aos soldados feridos.

O encontro com o Ideal foi para ela a maior graça e lançou-se a vivê-lo no seu trabalho, com muito profissionalismo, precisão e um amor muito concreto para com todos.

De poucas palavras, amava os doentes com um

serviço tocante. Recomeçando sempre, nasceu nela um amor cheio de misericórdia para com todos. Escreveu: «Compreendi que, para que Jesus viva em mim, devo ter paciência com os outros, fazer silêncio, ser nada para ser amor». Fiel aos encontros, por vezes passava alguns dias na casa das Religiosas, na Mariápolis Vita e ali encontrava forças para continuar a amar. Depois de uma destas estadias, escreveu: «Jesus estava realmente entre nós! Vivíamos, quase sem nos darmos conta, a espiritualidade coletiva. Ouviamo-nos umas às outras e compreendíamos-nos profundamente»

Quando se reformou, colocou à disposição da



Obra o seu tempo e os seus talentos. Nas Mariápolis passava horas, mesmo até muito tarde, a fazer a contabilidade. Muito trabalhadora, silenciosa e concreta, ajudava com competência.

Jesus abandonado revelou-se-lhe numa doença que lhe tirou tudo gradualmente, deixando-a numa dependência total. Diante dela, em cima da secretária, estavam sempre a Palavra de Vida e um livro de Chiara.

Maria Verhegge



neficiar do seu amor concreto e delicado: poder-se-ia encher um livro com as experiências de amor evangélico com o qual Milo fazia brilhar cada dia a sua Genebra, como recordou

um seu amigo. «Protegeu papas e Presidentes, mas também ajudou excluídos a reintegrarem-se na sociedade». Nunca agiu como «chefe», preferindo esforçar-se por amar sem distinções as pessoas que encontrava. Nunca se ouviu criticar ninguém e em todos conseguia pôr em relevo o positivo. A vida de Milo foi muito intensa. Com o avançar da idade, começaram alguns problemas de saúde. Milo aceitou tudo como expressão do amor de Deus, a Ele confiou tudo. A doença levou-o muitas vezes ao hospital e, com muita simplicidade, compartilhou até ao fim os altos e baixos dos seus dias, convicto de que contribuía também para aumentar o amor e a unidade no mundo. Visitando-o, tinha-se a sensação de se estar diante de um homem de Deus. Nos últimos anos, muitas pessoas disseram que viam nele a santidade perfeita, fruto do amor ao próximo, do viver com Jesus no meio, do «sim» repetido a Jesus Abandonado. Tinha o olhar aberto sobre toda a Obra. Ainda um mês antes tinha participado no conselho da região. No fim do encontro disse que era para ele uma graça sentir a presença de Jesus no meio e que queria permanecer conosco, fiel ao ideal.

Franco Galli

Milo (Emile) Infanger

Campeão no amor

Milo (Emile), que nos deixou no passado dia 21 de junho, com 77 anos de idade, foi um dos primeiros voluntários da Suíça francesa. Foi delegado de região e responsável de núcleo. Estava longe da Igreja quando, em 1975, foi a um encontro do Movimento, mais para contentar a mulher Janet e alguns amigos. Muito tocado, decidiu pôr em prática o amor recíproco que Jesus pediu, tornando-o a pedra angular da sua vida espiritual.

Pertencia à Igreja reformada de Genebra e, devido às suas capacidades, foi responsável por várias áreas profissionais, no seio da comunidade reformada e no âmbito ecuménico da cidade, ao qual deu um impulso, tendo sido neste campo uma coluna da Obra. Era inspetor da polícia e muitíssimas pessoas puderam be-

Os nossos parentes

Foram para a Outra Vida: **Delia, mãe de Marcelo e Gustavo** focolarinos na Mariápolis romana, e de **Arturo Clariá**, focolarino casado na Argentina Sul; **Aloisia, mãe de Johannes (Blugot) Breunhölter**, focolarino em Vienna; **Anna, mãe de Regina Hessler**, focolarina em Estugarda (Alemanha); **Riceri, pai de Ivete Greco**, focolarina em São Paulo; **Décio, pai de Eliane Martins (Gaia)**, focolarina em Bauru (Brasil) e de **Eli Ortiz**, voluntária em São Paulo; **Maurice, pai de Romany Rizck Botros**, focolarino em Beirute; **Juan, pai de Adriana Gandini**, focolarina na Argentina Sul; **Marieta, mãe de Rosa Inês Kelles**, focolarina em Belo Horizonte (Brasil); **Carlos, irmão de Ana Maria (Parge) Borges**, focolarina em Lahore (Paquistão); **Vincent, pai de Florence (Parvi) Nakawunde**, focolarina em Nairobi; **Hycinth, irmão de Imma Ezeaba**, focolarina em Johannesburg (África do Sul); **Bernadette, mãe de Marie-Pierre Siffert**, focolarina casada em Strasburgo (França); **Civita, mãe de Mario De Rosa**, focolarino em Roma; **Helena, mãe de Eniceia dos Santos Oliveira**, e **Angelina, mãe de Ginetta Semino**, focolarinas em Loppiano; **Ilaria, irmã de Gabri Fallacara – Ebe, irmã de Marinella Pigoni – Andrés, irmão de Maritza Figueroa Zuleta – Bira, irmão de Iracema Amaral – João, pai de Gessica Simoes Cardoso – Florentino, pai de Zeli Barbosa – Otacilio, pai de Marilena Bezerra** – todas focolarinas na Mariápolis romana.

Conceição Lins

Entre as primeiras focolarinas do Brasil

No dia 11 de julho, Conceição, uma das primeiras focolarinas brasileiras, chegou ao Céu.

A sua Palavra de vida era: «O Todo poderoso fez em mim maravilhas» (Lc 1,49).

Nasceu em Recife em 1941 e em 1959 conheceu o Ideal, por intermédio de um grupo de focolarinas que tinham chegado à sua cidade, com Ginetta Calliari. Ela própria contou: «Quando me falaram da experiência de Chiara, que por causa das bombas experimentou a dor de que, se morresse, não poderia nunca mais rezar a Avé Maria, senti no meu coração que a minha vida tinha muito a ver com ela». No verão seguinte participou na Mariápolis de Friburgo e aí conheceu Chiara.

Ao ouvi-la falar de Jesus Abandonado, percebeu que o objetivo da sua vida era ser Sua esposa e comunicou a Chiara o desejo de a seguir na sua estrada. Entrou em focolar em 1961.

Em 1963 participou na Escola internacional para focolarinas, em Grottaferrata. Em 1966, Chiara mandou-a para Portugal, onde contribuiu para um verdadeiro desabrochar de vocações ao focolar e à Obra. Eles próprios testemunham: «A Conceição era uma pessoa radical que deixou uma marca concreta e forte nas pessoas da Obra e fez crescer uma comunidade sólida e empenhada em Portugal».

E ainda: «Tinha um dom para as novas gerações, transmitindo-lhes a luz do carisma e indicando-lhes a meta a alcançar: o "Ut Omnes"».

Ficou em Portugal, como co-responsável da zona, até ao fim de 1991. Depois foi para o Centro da Obra, e a seguir, durante três anos, para Turim. Esteve ainda no focolar de Recife e, em 2005, voltou para Rocca di Papa, onde ficou até à sua partida para o Céu.

Nestes anos não faltaram momentos de prova, nos quais soube transformar a dor

em amor através de Jesus Abandonado.

A sua relação com Chiara foi constante, desde o início: falava-lhe da família, dos seus nove irmãos e das suas duas irmãs. Uma delas, a Gracinha, também focolarina. Transmítia-lhe com prontidão, como eco do amor, os frutos das suas palavras e a alegria de cada novo passo na Obra. Falou da sua vida como um contínuo agradecimento. Seguiu-a espiritualmente em todas as atividades, viagens, acontecimentos, sempre pronta a oferecer-se a si mesma por tudo aquilo que Chiara fazia.

Em 1971, ano em que no Movimento se aprofundou o tema da caridade, escreveu: «A minha vida deve ser caridade, porque deve ser a vontade de Deus sobre mim e Ele não pode querer de mim outra coisa que não seja Ele mesmo: Caridade».

Em 2010, manifestaram-se os sintomas da doença. Escreveu-me no dia 23 de dezembro: «Estou muito feliz por Deus me ter escolhido nesta Sua vontade assim tão clara. Ao entrar no hospital Gemelli, naquela manhã, tive a sensação de estar a entrar num santuário do Seu Amor, foi esplêndido [...], tenho de ser rápida a responder ao seu Amor! Estou pronta».

No passado dia 27 de junho disse a uma focolarina: «Chiara deu-me tudo... fui extra-amada, entendida por ela assim como sou. Sinto-a muito próxima, que me acompanha. Agora canso-me muito com cada coisa... então pergunto a Chiara o que devo fazer e sinto como se ela me dissesse: não deves fazer nada, só viver o momento presente sempre, tudo o resto está na sua misericórdia.

Na minha vida tive muitas graças, mas os "buracos" são enormes. Contudo, não me assusto, porque estão todos repletos de Jesus Abandonado. Agora só quero viver para agradecer a Chiara pelo tesouro que me deu».



MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXX • Setembro de 2013 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).



Conceição Lins

Gostaríamos de manifestar a gratidão deste povo de Chiara em terra portuguesa, àquela que deu a conhecer e entusiasmou muitas centenas de portugueses, de todas as idades e condições, de modo a aderir ao carisma da unidade. Fazemo-lo com algumas fotografias, que são apenas um símbolo da grande riqueza de muitos momentos com a Conceição, nos 25 anos que esteve em Portugal.

